



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM LETRAS
VERNÁCULAS E LITERATURA

JOSABETE RIBEIRO DA SILVA

O USO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA E
COMPREENSÃO COMO PRÁTICA SOCIAL.

Jacobina – BA

2015

JOSABETE RIBEIRO DA SILVA

**O USO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA E
COMPREENSÃO COMO PRÁTICA SOCIAL.**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Letras Vernáculas e Literatura da Universidade do
Estado da Bahia - UNEB, como exigência parcial para
a conclusão da graduação em Licenciatura Plena em
Língua Portuguesa.**

Orientador: Prof^ª. Márcia Regina Mendes Santos.

Jacobina, BA

2015

JOSABETE RIBEIRO DA SILVA

O USO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA
E COMPREENSÃO COMO PRÁTICA SOCIAL

**Monografia para a obtenção do grau de Graduado em Licenciatura em Língua
Portuguesa e Literatura.**

Jacobina, outubro de 2015.

Aprovada em: ___/___/___

Avaliadores:

Márcia Regina Mendes Santos.

Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – campus IV

Crizeide Miranda Freire

Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – campus IV

Maria Iraídes da Silva

Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – campus IV

Ao meu marido Luiz Magno Aves de Souza e aos meus filhos Luísa silva de Souza e José Arthur Silva de Souza dedico este trabalho assim como todos os dias de minha vida, pelo carinho apoio e confiança depositada em mim, me dando força nos momentos difíceis, me fazendo acreditar que posso ir além das limitações que a vida nos impõe e que sou capaz de superar meus próprios limites.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus nosso pai Criador pelo Dom da vida, e por me proporcionar dedicação e força de vontade para alcançar mais essa vitória em minha vida. Sei que “ele é minha guia, meu refugio e fortaleza”. Agradeço aos meus pais, esposo filhos e amigos pelo carinho e amor que nos momentos difíceis me deram força e incentivo para continuar. Agradeço também a minha professora orientadora Márcia Regina Mendes Santos, pela orientação, apoio e confiança e todos os professores que contribuíram não só para a minha formação acadêmica, mas também para a minha formação ética profissional.

Obrigada por acreditarem em mim.

RESUMO

A formação de leitores autônomos é cada vez mais urgente. Sabe-se que a leitura é um processo importante para a aquisição do conhecimento, e que a escola como agenciadora da aprendizagem deve proporcionar aos alunos capacidades de utilizar procedimentos e habilidades para facilitar o ato da leitura e compreensão. Considerando que o aluno mobiliza conhecimentos e estratégias para ler e compreender um gênero textual, a escola tem o papel de adequar o seu ensino, de formular e praticar estratégias de leitura que possibilitem criar hábitos da leitura como uma prática social. É importante destacar que na escola as estratégias e atividades devem ser selecionadas para que os alunos aprendam não apenas a decodificação de palavras, mas um processo amplo e complexo de construção de significados. Isso exige do leitor uma gama de conhecimentos, dentre eles o linguístico, o conhecimento de mundo e o textual, os quais em conjunto e simultaneamente devem ser trabalhados com o objetivo de ampliar a capacidade leitora dos indivíduos. O ensino deve ser planejado de forma que as aulas de leitura, as estratégias sejam procedimentos utilizados para se chegar à compreensão global do texto, visto que tudo que o lemos são influenciados pela intenção da leitura. Na compreensão de um texto, o aluno utiliza estratégias que ocorrem antes, durante e após a leitura. E por isso, elas são ferramentas necessárias para o desenvolvimento do leitor. Dessa forma, o presente estudo, tem por finalidade, ressaltar a importância das estratégias de leitura na compreensão de gêneros textuais diversos, através de um estudo sistemático, tendo utilizado como método a pesquisa qualitativa para a observação e análise das aulas de leitura e compreensão, bem como a investigação do uso de estratégias de leitura pelos alunos, através de questionário. Tal estudo foi feito em uma turma do nono ano do ensino fundamental da Escola Luís Alberto de Carvalho na cidade de Jacobina-BA, o que ficou constatado que a compreensão leitora é fundamental para a inserção do indivíduo no mundo letrado, o que demanda aulas planejadas com objetivos específicos para o alcance da eficácia na leitura. Destarte para que as estratégias de leitura sejam eficazes na compreensão de um texto, há a necessidade de que estas sejam tratadas como procedimentos de ensino e ensinadas aos alunos como procedimentos para alcançar a compreensão da leitura.

Palavras-chave: **Leitura. Compreensão Estratégias de leitura. Prática Social da leitura.**

ABSTRACT

The formation of autonomous readers is increasingly urgent. It is known that reading is an important process for the acquisition of knowledge, and that the school as *agenciadora* learning to provide students with skills to use procedures and skills to facilitate the act of reading and understanding. Whereas the student mobilizes knowledge and strategies to read and understand a genre, the school's role is to tailor your education to formulate and practice reading strategies that make it possible to create reading habits as a social practice. Importantly, school strategies and activities should be selected for students to learn not only the decoding of words, but an extensive process and meanings building complex. This requires the reader a range of skills, including the language, knowledge of the world and the textual, which together simultaneously and must be worked out with the aim of expanding the reading capacity of individuals. Teaching should be planned so that the reading classes, strategies are procedures used to arrive at global understanding of the text, since everything that we read are influenced by the intention of reading. The understanding of a text, the student uses strategies that occur before, during and after reading. And so, they are necessary tools for the development of *leitor*. The present study aims at, stressing the importance of reading strategies in understanding diverse genres, through a systematic study, and used as a method to Qualitative research for the observation and analysis of reading comprehension lessons, as well as the investigation of the use of reading strategies by students questionnaire tears. Such a study was done on a group of ninth grade of elementary school Luis Alberto de Carvalho in the city of Jacobin, Bahia, which was shown to reading comprehension is fundamental to the functioning of any individual in the literate world, which demand classes planned with specific objectives to achieve efficiency in reading. Thus for the reading strategies are effective in understanding a text, it is necessary that these be treated as teaching procedures and taught students how procedures to achieve reading comprehension.

Keywords: Reading. Comprehension Strategies reading. Social practice Reading

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. LEITURA.....	11
1.1. Concepções de leitura.....	11
1.2. Tipos de Leitura e o leitor.....	14
1.3. Compreensão.....	16
1.4 Texto/Gênero textual.....	18
2. ESTRATÉGIAS DE LEITURA.....	25
2.1. Estratégias de Leitura: concepções.....	24
2.2. Tipos de estratégias de leitura.....	27
2.3. O ensino de estratégias de leitura : uma prática possível.....	29
2.4. Estratégias para a leitura.....	32
3. A UTILIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS NA LEITURA E COMPREENSÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS: UM RECORTE DO PROJETO A CONSCIÊNCIA DE SER BRASILEIRO ÍNDIO BRANCO E NEGRO.....	34
3.1. O projeto pedagógico.....	34
3.2. Aspectos metodológicos.....	38
3.2.1. A pesquisa.....	38
3.2.2. Os Sujeitos.....	38
3.3. Análise dos dados coletados.....	39
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

Atualmente, inúmeras são as discussões em torno da formação de bons leitores. As práticas educacionais têm sido planejadas com o objetivo de formar leitores competentes, capazes de compreender os mais diversificados gêneros textuais de maneira autônoma, devido à importância que a leitura assume é um elemento básico para o crescimento pessoal e intelectual de todo ser humano. Kleiman (2010) cita as características mais salientes do leitor proficiente e sua flexibilidade na leitura; informa que ele não tem apenas um procedimento para chegar aonde ele quer, ele tem vários possíveis se um não der certo outros serão ensaiados. Por isso o ensino e modelagem das estratégias de leitura não consistem em ensinar um ou dois procedimentos, mas em tentar reproduzir as condições que dão a esse leitor proficiente essa flexibilidade e independência, indicativas de uma riqueza de recursos disponíveis, quer seja para alcançar um objetivo em mente ou para realizar, sua leitura sabendo para que esteja para saber se o que ele está lendo está sendo compreendido. Dessa forma quando lê seus olhos percebem seletivamente as informações interpretando o texto recorrendo a diversos procedimentos para torná-lo inteligível quando não consegue compreender.

O presente trabalho tem como objetivo geral a identificação do uso de estratégias de leitura na leitura e compreensão de gêneros textuais como práticas de interação.

Os objetivos específicos da pesquisa foram: perceber a utilização de estratégias tanto pelo professor quanto pelos alunos, nas práticas de leitura para facilitar a compreensão, verificar a diversidade de gêneros trabalhados em sala de aula e sua importância na leitura e compreensão como prática social.

A presente pesquisa foi gestada a partir da inquietação em relação às dificuldades de compreensão leitora pelos alunos o que dificulta o bom aprendizado em todas as áreas do conhecimento. Dessa forma nos questionamos de que forma os alunos utilizam as estratégias de leitura para compreender os gêneros textuais proposto nas aulas de leitura.

Essa inquietação surgiu a partir do contato com o ambiente escolar em atividades de estágio e ao perceber as dificuldades encontradas pelos professores devido à má compreensão de um texto.

Para chegar a uma resposta possível foram realizadas entrevistas e questionários e observação das aulas de leitura a fim de evidenciar a temática pesquisada.

Para chegarmos a uma conclusão foi necessário a utilização de um referencial teórico como suporte para as análises feitas além de serem levantados alguns conceitos sobre a leitura, leitor e interação entre leitor e texto; conceitos de gêneros textuais e suas diversidades e funcionalidade no contexto da comunicação, além de um aprofundamento no estudo das estratégias de leitura para como proposta de trabalho evidenciar a eficácia da leitura e compreensão textual.

O primeiro capítulo, que tem como base as autoras Koch e Elias (2009), Solé (1998), Leffa (1996), PCN (1998) e Kleiman (1996/2001), Fulgêncio e Liberato (1992), Marcuschi (1996/2008) dentre outros de importantes contribuições para se compreender as questões referentes à leitura e sua importância no contexto educacional e social. Essa abordagem se fez necessário para compreendermos como ocorre o processamento da leitura até que o leitor possa alcançar a compreensão de um texto e construir o seu significado. O capítulo trata ainda sobre a interação entre os seguintes elementos: texto e leitor e o resultado dessa interação.

O segundo capítulo trata do ensino das estratégias de leitura, seus conceitos básicos e o ensino das mesmas no contexto de leitura para a compreensão. A fundamentação foi baseada nas concepções de Solé (1998), a qual aponta caminhos para o ensino e aprendizagem das estratégias de leitura e para a formação de um leitor ativo, além dessa autora, atrelamos considerações de Yunes (2002) Kleiman, (2010) e os PCNS (1998) .

O terceiro capítulo trata da pesquisa, onde traçaremos uma breve descrição do projeto pedagógico observado, bem como a descrição dos sujeitos e da metodologia utilizada. Finalizando, apresentaremos uma proposta de investigação através da observação das aulas de leitura e aplicação de um questionário para coleta e análise dos dados.

Esta pesquisa destaca a importância do leitor no processo de construção do significado do texto e a importância de se trabalhar estratégias capazes de obter sucesso na competência leitora. Ao propor esse estudo este trabalho objetiva contribuir com os estudos de leitura e orienta a prática docente, a fim de que a educação, em especial o ensino da língua materna, possa ser promissor e eficaz, colaborando para a transformação dos educando em leitores ativos, capazes de compreender e interagir com a sociedade letrada.

1. LEITURA

A leitura é uma atividade essencial para que um indivíduo possa interagir com o mundo letrado. Ela exerce uma função social muito importante, visto que é a partir dela que o indivíduo passa a conhecer o mundo à sua volta, participando das atividades letradas do cotidiano, além de apropriar-se de uma gama de conhecimento através desse ato. A leitura, é uma atividade que dá ao leitor diversas possibilidades de relação com o mundo, de compreender a realidade que o cerca, e conseqüentemente de inserir-se no mundo sociocultural. Assim esse capítulo se destina a esclarecer o processo de leitura e as concepções formuladas por alguns estudiosos, afim de que compreendamos a importância de buscarmos estratégias para o ensino de leitura em língua materna.

1.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA

A leitura é uma atividade complexa, sem a qual não há o desenvolvimento adequado da compreensão, interpretação e produção de textos. É uma atividade que necessita fundamentalmente da proficiência do leitor para a compreensão adequada do texto. “é um processo de interação entre o leitor e o texto”. (SOLÉ, 1998, p.22). “O leitor busca detalhadamente no texto informações que identifiquem as ideias principais e a mensagem que o autor quer passar”. Segundo a autora esse processo, “não quer dizer que o significado que o escrito tem para o leitor não é uma réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos. Solé (1998) adota uma perspectiva interativa baseada em alguns autores como: Rumelhat (1977); Adams e Collins (1977); Alonso e Matos (1985); Colomer e Camps (1991), para afirmar que:

A leitura é um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervém tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar, com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias. (SOLÉ, 1998, p.23)

De acordo com Kleiman (1998), a “leitura põe em jogo duas atividades cognitivas: “a identificação dos signos que compõem a linguagem escrita e a compreensão do significado da linguagem escrita”. Essa concepção reforça a ideia de que a leitura é um conjunto de processamento de três níveis de conhecimento: o conhecimento linguístico (quando o leitor compreende e atribui significados ao texto), conhecimento textual (quando o leitor percebe se o texto é coerente ou não) e o conhecimento prévio (quando o leitor associa o que já sabe sobre o texto, seu conhecimento de mundo). Esses três conhecimentos são ativados de forma simultânea para que haja a “compreensão global do texto”, ou seja dessa forma a leitura é uma atividade interativa, pois utiliza os diferentes níveis de conhecimentos para atribuir sentido ao texto. Segundo a autora esse ato não é uma mera decodificação de signos, mas sim uma atividade que aliada à interpretação leva o indivíduo a compreender o mundo, ou seja, “lê nas entrelinhas” SOLÉ (1992) e assim expressar suas ideias e compreender o outro.

Rajo (2002) chama a atenção para uma concepção de leitura antiga, onde esta é vista de maneira simplista, apenas como um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala) para se acessar o significado da linguagem do texto. Segundo a autora, aprender a ler, era entendido apenas como “alfabetização”, ou seja, alfabetizar-se, conhecer o alfabeto, envolvia discriminação perceptual (visão) e memória dos grafemas (letras, símbolos, sinais), que devia ser associada, também na memória, a outras percepções (auditivas) dos sons da fala (fonemas). Segundo a autora uma vez alfabetizado, o indivíduo poderia chegar da letra, à sílaba e à palavra, e delas, à frase, ao período, ao parágrafo e ao texto, compreendendo o significado.

Sabemos, porém que a leitura vai muito além da decodificação; e que o ato de ler não se limita apenas em reconhecer os códigos. Nesse sentido acreditamos que uma prática de leitura pautada apenas na decodificação só reforça a concepção de Kleiman (1996) a qual pontua que:

Uma prática empobrecedora, a qual está baseada numa concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção do lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. A atividade compõe-se de uma série de automatismo de identificação e pareamento das palavras do texto, com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário. (KLEIMAN, 1996, p. 20)

Corroborando com Kleiman (1996), Freire (1988) significativas contribuições de seu trabalho com leitura e alfabetização principalmente com adultos. Para ele o ato de ler é um ato político e requer não só a capacidade de decodificar, mas a competência de ler o mundo em sua volta. Assim, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1988 p.11-12). Nesse sentido compreendemos o indivíduo antes mesmo do contato com o livro já tem um contato com “a leitura do mundo”, através de suas experiências de vida, visto que cada um carrega consigo um saber acumulado fruto de suas vivências. E assim cada um tem uma maneira de interpretar e ver as coisas que o cerca. Isso nos implica em afirmar que as experiências do cotidiano do indivíduo influenciam o processo de conhecimento e interpretação da palavra escrita.

Fulgêncio e Liberato (1992) concebem a leitura como um fenômeno cognitivo/social, ressaltando o processo da construção do sentido. Para elas, a leitura é destacada do ponto de vista de leitura funcional, ou seja, “aquela que se encarrega de compreender os textos e o leitor busca construir o sentido do texto”. Nessa concepção, o ato de ler não é uma atividade meramente visual, ou seja, a informação visual, (captada pelos olhos), mas a junção das informações não visual (captadas pelos olhos e guardadas em nossa memória e fazem parte de nosso conhecimento prévio), juntamente com o conhecimento da linguagem, são utilizadas no processo de leitura, permitindo dar sentido a aquilo que a visão capta. Resumindo as autoras, o processo de leitura é o resultado da interação entre o que o leitor já sabe e o que ele retira do texto, ou seja, a leitura é o resultado da interação entre informação visual e informação-não visual. Impossível de acontecer qualquer tipo de compreensão do que foi lido se não acontecer uma interação e se o leitor não tiver algum conhecimento já acumulado em sua memória.

Nesse sentido para ler utilizamos o conhecimento prévio o que segundo Smith (1989) apud Fulgêncio & Liberato (1992), chama de previsão. Esse conhecimento adquirido através das nossas vivências para adivinhar, prever parte das informações contidas no texto. Essa previsão acontece o tempo todo em nossa vida, pois, acionamos nossa “teoria de mundo para fazer previsões a cerca daquilo que acreditamos ser mais provável acontecer no futuro”. Koch e Elias (2009, p. 11) “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito e não algo que preexista a essa interação”. Portanto, “a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo”.

1.2 Tipos de Leitura e o leitor

O leitor utiliza caminhos diferentes para o processamento da leitura. Fulgêncio & Liberato (1992), caracterizam métodos de leituras; Segundo as autoras, o processo que se baseia principalmente na informação visual, chamado de “ascendente”, e o que utiliza basicamente informação não visual, é chamado de “descendente”. Assim tais abordagens descrevem dois tipos de leitor:

(...) Teríamos o tipo que privilegia o processamento descendente, utilizando muito pouco o ascendente. É o leitor que apreende facilmente as ideias gerais e principalmente do texto, através de uma leitura ascendente. (...) O segundo tipo de leitor é aquele que se utiliza basicamente do processo ascendente (...) que apreende detalhes detectando até erros de ortografia, mas que ao contrário do primeiro, não tira conclusões apressadas. É, porém vagaroso e pouco fluente e tem dificuldade de sintetizar as ideias do texto por não saber distinguir o que mais importante do que é meramente ilustrativo ou redundante. O terceiro tipo de leitor, o leitor maduro, os dois processo completamente. (KATO 1995, *apud* FULGÊNCIO & LIBERATO, p.19).

Diante do exposto, percebemos que a leitura delinea um tipo de leitor específico, e as maneira como ele utiliza as estratégias para compreender a leitura é que define o tipo dela. Assim essa utilização dos conhecimentos prévios auxilia o processamento da leitura o que segundo as autoras, se dá através da junção das informações visuais de um texto, com o conhecimento prévio armazenado na memória. A experiência de cada um é importante, pois facilita o resgate das experiências vividas, podendo se articular ambos os conhecimentos ressignificando assim o ato de ler. Assim a leitura tem a ver com a visão de mundo, e com a nossa história pessoal e social, pois podemos construir a nossa história de vida, do ponto de vista de leitura como prática social e não somente como prática mecânica do ensino-aprendizagem. Essa aprendizagem necessariamente perpassa pela decodificação e compreensão do ato de ler. Esta prática deve considerar a interação do indivíduo com a sua história, social e cultural, promovendo sua integral transformação.

Dessa forma, vemos que a leitura, é um tipo de conhecimento, adquirido a partir da junção das “informações visuais” de um texto, com o conhecimento prévio armazenado na memória. A experiência de cada um é importante, pois facilita a utilização das experiências vividas, podendo os dois tipos de conhecimento e resignificando assim o ato de ler. Assim a leitura tem a ver com a visão de mundo, e com a nossa história pessoal e social, pois podemos construir a nossa história de vida, do ponto de vista de leitura como prática social e não somente como prática mecânica do ensino-aprendizagem. Esta prática deve considerar a interação do homem com a história, o meio e a realidade em que vive promovendo sua integral transformação.

Para (KOCH e ELIAS, 2009, p.11), existe uma intrínseca, interação entre autor texto leitor. Se a leitura é observada com o foco no autor, percebemos que a relação entre pensamento e linguagem é transparente, ou seja, o autor explicita seus pensamentos através do texto. Por isso nesse sentido ler é “compreender as intenções do autor aí expressas de modo inequívoco”. Segundo essa concepção ainda a ato de ler passa a ser sinônimo de captação das ideias e ao leitor cabe função de sujeito passivo, visto que para ele a ideia já está formada cabendo-lhe apenas a função de compreendê-la. De acordo com essa concepção, a leitura não é a mera atividade visual. Ela se concretiza através de um processo cognitivo, deixando de ser um encontro com o texto ou consigo mesmo para ser um encontro permanente com o outro. O leitor passa finalmente da categoria de excluído para a de participante. Essa participação é que descreve a leitura como um processo de interação. Parte-se do princípio de que para haver interação é necessário que haja pelo menos dois elementos e que esses elementos se relacionem de alguma maneira. No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimento envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. Em resumo, podemos dizer que quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo.

Considerando o posicionamento de Solé (1998) o leitor ativo é aquele processa e atribui sentido a aquilo que está escrito em uma página. (KLEIMAN 2004, p.15) apresenta algumas das práticas que, segundo ela a escola sustenta, legitima e perpetua com base nas seguintes concepções sobre o texto: “O texto como conjunto de elementos gramaticais caracterizados pela consideração dos aspectos estruturais do texto como entidades discretas

que tem um significado e função independentes do contexto em que se inserem; e” O texto como repositório de mensagens e informações que expressa uma visão de texto como um conjunto de elementos diversificados, concebendo-o apenas como um conjunto de palavras cujos significados devem ser extraídos um por um, para assim, cumulativamente chegar a mensagem do texto”. Sobre as concepções de leitura, a autora apresenta a leitura como decodificação, declarada como uma prática muito empobrecedora que está baseada numa concepção da atividade como equivalente a atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. Apresenta também a leitura como avaliação, como outro tipo de prática que inibe ao invés de promover a formação de leitores. Outra concepção trata da leitura como uma integração numa concepção autoritária de leitura. Neste caso a união de todos os aspectos que fazem a atividade escolar numa paródia da leitura encontra-se numa concepção autoritária da leitura que parte do pressuposto de que há apenas uma maneira de abordar o texto e uma interpretação a ser alcançada. Dessa forma essa concepção de leitura permite todas as deturpações já apontadas e resumidas a seguir:

A análise de elementos discretos seria o caminho para se chegar a uma estrutura autorizada, a contribuição do aluno e sua experiência é dispensável, e a leitura torna-se uma avaliação do grau de proximidade ou de distância entre a leitura do aluno e a intervenção “autorizada” (KLEIMAN, 2004, p.23)

Assim, compreendemos que o processo de leitura é um evento importante e significativo para a construção da aprendizagem e que bons leitores consequentemente são também indivíduos proficientes na compreensão dos textos.

1.3 Compreensão

Antes de iniciarmos a discussão sobre a compreensão devemos chamar atenção para a primeira parte deste texto, sobre como era tida à definição de leitura. Concebida como decodificação, esta foi sofrendo mudanças no decorrer dos anos frente a diversas contribuições dos estudiosos para o tema. Assim é necessário entender que a compreensão de

leitura está ligada a produção de sentido do que se lê. Nesse sentido, destacamos Freire (2003) que diferencia o “hábito de leitura do ato de ler”, afirmando que, a decifração mecânica de sinais é a atividade totalmente diversa da ação voluntária sobre a linguagem implicada no ato de ler. Segundo o estudioso, hábitos estão ancorados na repetição mecânica de gestos, atos, na opção, no exercício da possibilidade humana de articular o agir ao pensar, ao definir, ao escolher. Ler e interpretar podem ser um “processo que envolve a compreensão crítica do ato de ler, e não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do indivíduo enquanto leitor de mundo. (FREIRE, 2003)

Diante das imposições do mundo letrado, a leitura e a compreensão, tornaram-se fundamental para o pleno desenvolvimento intelectual e profissional do indivíduo. É comum ouvirmos dos professores que seus alunos leem, porém não compreendem tornando cada vez mais difícil o aprendizado em todas as áreas do conhecimento. Para Solé (1998) quando a leitura envolve a compreensão, ler torna-se um instrumento útil para aprender significativamente. Sabemos que a aprendizagem é um processo complexo e se dá gradativamente.

Para compreender bem um texto utilizamos todos esses conhecimentos, pois essa atividade segundo Marcuschi (2008, p. 229) “não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, compreensão e trabalho”. Assim verificamos que isso só será possível se adotarmos a concepção de língua como afirma Marcuschi (2003) como “elementos constitutivos e interdependentes”. Segundo ele língua, texto e leitura apontam para a atividade de compreensão não apenas como mero exercício de operações linguísticas, cognitivas ou informativas. Dessa forma acreditamos que o ato de compreender um texto leva em consideração tudo o que o indivíduo já conhece sobre o texto a forma como ele desencadeia a leitura e como ele concebe a língua. Se for como algo natural e social ele acreditará também que o texto é a representação das ideias e da fala de alguém. Para Solé (1998) :

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Isso só pode ser feito mediante uma leitura individual, precisa, que permita o avanço e o retrocesso, que permita parar, pensar recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário. É um processo interno, mas deve ser ensinado. (SOLE, 1998, p. 32),

“Os textos que lemos também são diferentes e oferecem diferentes possibilidades e limitações para transmissão da informação escrita” Solé (1998, p. 34). Dessa forma, indivíduo compreende o conteúdo proposto no texto de acordo com a função do texto escolhido, fazendo com que o leitor compreenda os modos de organização textual, mesmo que de maneira intuitiva. A autora pontua ainda que “Quanto mais conhecimento textual” o leitor tiver, quanto maior sua exposição a todo tipo de texto mais fácil será sua compreensão, pois o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos. Assim, é fundamental apresentar propostas textuais diversificados que auxiliem no processo de construção e compreensão dos textos. Isso significa selecionar diferentes gêneros textuais que circulam socialmente.

1.4 Texto/Gênero textual

A leitura na escola é possível explorar os diferentes tipos de textos que fazem parte do dia-a-dia de nossos alunos, tornando a leitura mais significativa e útil. É por isso que a leitura e a compreensão, aliadas são procedimentos essenciais para ao letramento do indivíduo. Dessa forma é importante esclarecer muitos pontos sobre elas, pelo fato de que muitas escolas, só trabalham com textos didáticos e literários, de maneira mecânica, sem sentido para os alunos.

Um ponto importante para a abordagem do texto em sala de aula a compreensão do que ele seja. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que segundo Marcuschi (2008) apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Nessa perspectiva, o autor entende que a comunicação humana acontece por meio do gênero textual, e é importante atentar para os aspectos enunciativos e discursivos que envolvem o trabalho com os gêneros textuais nas escolas como suporte para um trabalho com a leitura realizada na perspectiva sócio histórica, ressaltando seus aspectos funcional e interativo.

Os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN,1979 apud MARCUSCHI 2003, p.262). Segundo o autor, “Os textos são formas culturais e cognitivas de ação social corporificada de modo particular na linguagem”. “Assim para nos comunicar utilizamos essas formas que são também “multimodais”, pois são estabelecidas de acordo com a necessidade comunicativa, as quais são corporificadas em textos” (MARCUSCHI, 2008, p. 64). Portanto, toda vez que nos comunicamos fazemos uso de um texto quer ele oral ou escrito de acordo com o contexto da comunicação. Nesse sentido é válido destacar Koch (2003), que coloca o texto como um lugar de interação e os interlocutores como sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos socialmente. Para ela, essa ação de construção se dá por diversas formas sendo uma delas mais importante a comunicação que se dá por gêneros textuais diversificados.

É importante destacarmos também que para se abordar o tema texto e ensino antes de tudo é relevante mencionar, que este ao longo dos anos sofreu mudança nas abordagens. A partir dos anos 80, quando os PCNS abordam o texto, como “unidade de ensino”, este passa a ter um foco especial e com essa notoriedade o documento traz em suas concepções teóricas direcionamentos para que o gênero textual seja, evidenciado e promovido como instrumento de ensino-aprendizagem. Os PCNS descrevem essa importância da seguinte forma:

Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos. Letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases. Que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplo de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto (PCN 1998, p. 23).

Marcuschi (2003) aponta para a dinamicidade dos gêneros textuais e explica que estes não são novos no meio educacional. Ele preconiza que o gênero no ocidente já tem pelo menos dois mil e quinhentos anos. Sua observação sistemática começou a partir dos estudos de Aristóteles e o que hoje se busca é uma nova visão para o mesmo tema :

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligado aos (gênero literário, cuja análise se inicia com Platão para se firmar co Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Media o Renascimento a Modernidade, até os primórdios do século. (MARCUSCHI,2008, P.147).

Essa nova concepção que coloca o texto como objeto de ensino, mostra à necessidade de se trabalhar a leitura, produção de textos e interpretação utilizando os gêneros discursivos e textuais, visto que o educando precisa se situar no mundo, compreendendo as relações que o envolvem e os aspectos funcionais da língua. De acordo com Marcuschi (2008), o gênero está entre o discurso e o texto, ele é visto como uma prática social, comunicativa e corresponde a situação de comunicação em que ocorrem, portanto se relaciona com o texto intrinsecamente.

[...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

“Uma identidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”. Assim os gêneros textuais se resumem nas diferentes materializações que os textos adquirem para representar diversas funções sociais, destacando, suas propriedades sócio - comunicativas de funcionalidade e de intencionalidade. O autor refere-se ainda aos gêneros textuais, como “artefatos culturais historicamente construídos pelo homem e apresentam diferentes caracterizações, com vocabulários específicos e empregos sintáticos apropriados, em conformidade com a função social que exercem”. (MARCUSCHI, 2002, p.24).

Ao utilizar a linguagem, os falantes apropriam-se de gêneros discursivos adequados à situação de comunicação. Cada setor da sociedade necessita de um gênero diferente para exercer a comunicação. Se múltiplas são as esferas de atividade humana, múltiplos são os usos da língua e que os usos efetuam-se através de textos concretos que têm por referência gêneros do discurso definido como tipos relativamente estáveis de enunciados:

Gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis e normativos, que se constituem historicamente, elaborados pelas esferas de utilização da língua. Esses enunciados se relacionam diretamente a diferentes situações sociais, que geram, por sua vez, um determinado gênero com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias. (Bakhtin, 1992 p.279 apud Marcuschi 2003).

Nesse sentido, “as variedades dos gêneros do discurso são infinitas, pois as variedades das atividades humanas são inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera

se desenvolve e fica mais complexa” (Bakhtin, 1992, p.279 apud Marcuschi, 2008 p. 176). Deste modo, fica visível a necessidade de reforçarmos a noção gênero textual na perspectiva sócio interativa do uso da língua, pois esses são atividades discursivas, e representam ação com o intuito de inserir o indivíduo no contexto sócio discursivo. Percebe-se, portanto que a função da língua não se resume somente a transmitir informações, mas é uma ação coletiva, com o intuito de expressar pensamentos e ideias, ou seja, uma forma de representar a vida.

KOCH (2000), afirma que o texto é uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos, selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal de modo a permitir aos leitores, na interação de processos e estratégias de ordem cognitiva como também a interação de acordo com práticas socioculturais, dessa forma os elementos constitutivos é organizada na comunicação de um texto necessariamente de acordo com a escolha lógica do no contexto comunicativo.

BONCKART (1999), fala em unidade de produção de linguagem situada acabada e autossuficiente do ponto de vista da ação ou da comunicação. É importante ressaltar que essas duas concepções reforça o já mencionado em Marcuschi (2008), que concebe que o texto é como uma forma específica de linguagem. Já Kato (1985) aborda o texto como elemento constitutivo de interação. Segundo ela ao formular uma comunicação o individuo interage com o outro visto que nessa comunicação os elementos linguísticos estruturais do texto são usados de acordo com a situação comunicativa. Nesse sentido ela ressalta que:

Falamos em interação leitor-texto, mas em nenhum momento falamos em interação leitor-escritor. Contudo em situação de comunicação oral o que é relevante é a interação entre produtor e compreender é objetivo de qualquer comunicação, mas como tem sido frequentemente observado, na comunicação escrita esse objetivo é muito mais dependente do código verbal e muito menos apoiado nas pistas contextuais, na linguagem gestual, no universo semântico partilhado ou nas regras conversacionais. (Kato 1985p. 54)

Dessa forma ao se comunicar, o indivíduo utiliza a linguagem de acordo com uma situação comunicativa específica moldando um discurso apropriado, enquadrando a uma determinada forma de enunciado. Kato (1985) refere-se ainda aos aspectos tipológicos de cada texto, visto que a forma como se lê um poema é diferente de como se lê uma receita, sendo que cada texto se organiza dentro de um gênero específico com objetivos distintos, uma função, um conteúdo e um estilo. “Todo o texto se organiza dentro de determinado gênero em

função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, os quais geram usos sociais que os determinam” (PCNS, 1998, p.21).

Porém apesar de todas essas considerações a respeito do trabalho com gêneros textuais e mesmo os PCNS sensibilizarem os educadores a trabalharem com um projeto que vise uma forma de inserir e tornar familiar o gênero textual, imitando as mais diversas práticas sociais comunicativas, na realidade ainda percebeu que o gênero tem pouco espaço na sala de aula e ainda é visto pelos alunos como um amontoado de frases sem sentido. Isso ainda ocorre pelo fato da descontextualização do gênero com a vida real e por isso a leitura e compreensão do mesmo pelos alunos não tem significado. Segundo os PCNS ainda a uma educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva (PCN 1998). Contudo, é preciso que a escola o ajude a desenvolver competências adequadas como, por exemplo, a capacidade de ler e compreender, além da capacidade de expressar o que compreendeu, de forma coerente. Para essa isso se tornar realidade nas escolas brasileiras, faz-se necessário observar os aspectos sociais, culturais que permeiam os gêneros textuais, atentando-nos para o fato de que os gêneros não são estruturas “pré-determinadas” e impostas, de alguma forma, no contexto de sua utilização o que para Marcuschi (2006, p.25) “são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e produção de sentidos”, ou ainda “são formas verbais de ação social relativamente estável em textos situados em comunidades de práticas sociais em domínios discursivos específicos” (MARCUSCHI, 2005, p.25). Esse evento comunicativo converge as ações linguísticas, sociais e cognitivas, de forma que:

Se a língua é atividade interativa e não apenas formal, e o texto é um evento comunicativo e não apenas um artefato ou produto, a atenção e análise dos processos de compreensão recaem nas atividades, nas habilidades e nos modos de produção de sentido bem como na organização e condução das informações. Como o texto é um evento que se dá na relação interativa e na sua situacionalidade, sua função central não será a informativa. Os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que as compreensões daí decorrentes são fruto do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. O sentido não está no leitor nem no texto, nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas (MARCUSCHI, 2008, p. 242).

É notório que as concepções sobre leitura, compreensão e gêneros textuais expostas nesse capítulo, são variadas e dão uma dimensão do quanto à leitura é importante para a aprendizagem. Os motivos de preocupação por parte de estudiosos e educadores quanto as melhores estratégias para aprendê-la são de fundamental importância por conta do papel

social exercido por ela. Uma visão multifocal da leitura e do texto como unidade de ensino e aprendizagem, nos dá uma percepção da leitura como processo interativo entre autor e leitor, sendo o texto o local onde ocorre essa interação, e onde ocorre o processo de construção de sentido.

2. ESTRATÉGIAS DE LEITURA

A leitura é um ato onde o indivíduo constrói um significado para o que lê. Isso ocorre de acordo com o que ele está buscando a partir do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do que sabe sobre a língua. Trata-se de uma atividade que exige, uma série de estratégias como seleção, antecipação, inferências e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência para chegar a compreensão. Nesse capítulo trataremos algumas concepções sobre as estratégias de leitura e as implicações destas para a leitura e compreensão de gêneros textuais, tomando como base as contribuições de Solé (1998) e Kleiman (2010), bem como diretrizes dos PCNS (1998) além de alguns autores de destaque quanto ao trabalho com as estratégias de leitura.

2.1 Estratégias de leitura: concepções.

Sabemos que para a atividade de leitura e compreensão textual fluírem, exige do leitor algum tipo de conhecimento; dentre elas a compreensão de a decodificação é apenas um dos procedimentos que utilizamos, para se chegar a produção de sentido do texto. Para isso, o leitor necessita empregar na leitura uma série de estratégias que o processo de compreensão exige. Essa compreensão é o que dá sentido ao ato da leitura, atribuindo a ela o papel de agente socializadora, pois entre outras razões, amplia a visão de mundo dos alunos, fazendo-o interagir com o mundo letrado. Devemos ressaltar que muitas vezes, os alunos não possuem o hábito de fazer leituras diferentes, se tornando passivos diante de um texto qualquer. Nesse sentido destacamos os PCNS (1998):

É necessário refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes como ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler buscando identificar a intenção do escritor, ler para revisar. É completamente diferente ler, em busca de significado – a leitura, de um modo geral – e ler em busca de inadequações e erros – a leitura para revisar. Esse é um procedimento especializado que precisa ser ensinado em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos. (PCNS, 1998, p. 61).

Esses procedimentos citados deixam claro que as estratégias de leitura são caminhos que auxiliam o leitor a alcançar os objetivos desejados na leitura, visto que segundo os PCNS:

“Ler não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas”.(PCNS 1998, p.53)

Dessa forma, um leitor competente sabe utilizar as estratégias de leitura a favor da compreensão da leitura de acordo com as necessidades sentidas no decorrer dela. Os PCNS deixam bem claro nesse sentido que o leitor competente sabe selecionar dentre os textos que circulam socialmente, estabelecendo para isso as estratégias que melhor possam lhe ajudar a abordá-los. Ele é capaz de ler nas entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos.

Kleiman (2010) pontua que a leitura é um ato individual de construção de significados num contexto que se configura mediante a interação entre leitor e autor e, portanto será diferente, para cada leitor dependendo de seus interesses, conhecimento e objetivos do momento. Para Solé (1998, p.32) “Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente.” É que isso será possível, a escola tem que pensar em ensinar aos alunos a desenvolverem “procedimentos” que permitam ao aluno verificar o que vai sendo lido, tomando decisões no momento em que encontrarem dificuldades de compreensão, além de arriscarem-se através de suposições feitas diante do desconhecido.

Solé (1998) conceitua as estratégias como procedimentos; “um procedimento - com frequência chamada também de regra, técnica, método, destreza ou habilidade - é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas, isto é, dirigidas a consecução de uma meta”.(COLL,1987, apud SOLÉ, 1998p. 68)

Nesse sentido utilizamos várias estratégias por meio das quais se realiza o processamento do texto utilizando para isso diferentes níveis de conhecimento, ou seja, os procedimentos assim por dizer, e de acordo com a necessidade cada leitor aciona um procedimento que poderá ser : os conhecimentos prévios, inferências, a antecipação, a seleção

verificação etc. É importante ressaltar que as estratégias concebidas do ponto de vista de procedimentos, existem diferenças entre elas. Solé (1998) aponta que esses procedimentos podem ocorrer de duas formas; pode ser de forma automatizada ou controladamente a partir de uma instrução. Para tanto usamos nossa “capacidade de pensamento estratégico” para direcionar a ação que pretendemos utilizar na leitura. Essa ação é direcionada por habilidades cognitivas, que nos levam a entender o conteúdo do texto. A autora faz duas considerações relativas ao procedimento de leitura: Na primeira ela afirma que o leitor que compreende o que lê, está aprendendo, pois a leitura nos aproxima de múltiplas culturas. E na segunda ela nos chama atenção para o fato de que inúmeras vezes lemos com uma finalidade clara de aprender acionando uma serie de estratégias de leitura, as quais segundo a autora, são “procedimentos de caráter elevados” que demandam a presenças de objetivos a serem realizados trazendo algumas implicações para o ato da compreensão; a primeira é a de que se “as estratégia são procedimentos e se os procedimentos são conteúdos de ensino então é necessário ensinar estratégias para a compreensão de textos. E se as estratégias são procedimentos de ordem elevadas que envolvem o cognitivo e o meta cognitivo, no ensino elas não podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas” (SOLÉ 1998, P.70). Kleiman (1993) menciona as estratégia de leitura como “operações regulares para abordar o texto”. A autora afirma que:

[...] essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, ou seja, dos tipos de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também de maneira com que ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folia sem deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê.(KLEIMAN,1993,P.46)

SOLÉ (1998), destaca que as estratégias de leitura para desenvolver habilidade de leitura, o leitor deve realizar uma série de procedimentos antes, durante e após a leitura e que facilitam a compreensão de textos. Para, Kleiman (2010), a leitura por ser um ato individual, se processa de maneira diferente para cada leitor dependendo de seu contexto. Assim as estratégias de leitura permitem que o leitor reflita sobre a relação de sentido de um texto reconhecendo os fatores linguísticos e extralinguísticos. Esses fatores lhes permitem realizar operações de compreensão de acordo as estratégias utilizadas pelo leitores e pelas operações cognitivas que são realizadas para a compreensão do texto e consequentemente lhe permite

aprender os aspectos textuais, reconhecendo-os como por exemplo, a estrutura do texto, a organização interna do texto, o tipo e o gênero textual etc. desse ponto de vista as estratégias de leitura são classificadas como “Estratégia cognitivas e estratégias metacognitivas”. Assim:

ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS seriam aquelas operações (não regras), realizadas com algum objetivo em mente, sobre as quais temos controle consciente, no sentido de sermos capazes de dizer e explicar nossa ação. Assim se concordarmos com autores que dizem que as estratégias metacognitivas da leitura são primeiro autoavaliar constantemente a própria compreensão, e segundo, determinar um objetivo para a leitura, devemos entender que o leitor que tem controle consciente sobre essas duas operações saberá dizer quando ele não está entendendo um texto e saberá dizer para que ele esteja lendo um texto.(...) As ESTRATÉGIAS COGNITIVAS da leitura seriam aquelas operações inconscientes do leitor, no sentido de não ter chegado ainda ao nível consciente, que ele realiza para atingir algum objetivo de leitura (KLEIMAN, 2010, p. 54).

Dessa forma fica evidente que a leitura enquanto ato individual necessita de um conjunto de procedimentos os quais demandam conhecimentos usados estrategicamente para a abordagem do texto; o que nos remete a uma concepção de que sejam elas cognitivas ou metacognitivas devem delinear uma prática de leitura onde se possa desenvolver habilidades eficientes de leitura.

Para o indivíduo ser considerado um leitor autônomo e proficiente, não basta ter a capacidade de decodificar, sabendo letras e símbolos, reconhecer o alfabeto distinguindo a diferença entre grafemas e fonemas, ou saber decodificar globalmente as palavras, é necessário que ele seja capaz de acionar estratégias, que mesmo sozinho consiga utilizar esses recursos mesmo que inconscientemente não só para decodificar, mas para lê-la compreensivamente.

2.2 Tipos de estratégias de leitura

A utilização delas segundo SOLÉ compreende três momentos: o antes, o durante e o após a leitura, e de acordo com os objetivos do leitor em relação ao texto, as estratégias são acionadas de forma a selecionar a que melhor se encaixe no momento da compreensão.

É relevante destacarmos que “o texto deixa pistas da intenção dos significados do autor como mediador dessa parceria internacional onde são requeridas estratégias de leitura. Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, práticas, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas, em algumas teorias de leitura, estratégias (cognitivas metacognitivas). São elas: Ativação de conhecimentos de mundo: previamente à leitura ou durante o ato de ler, o leitor está constantemente colocando em relação seu conhecimento amplo de mundo com aquele exigido e utilizado pelo autor no texto; Antecipação ou predição de conteúdos ou propriedades dos textos: O leitor não aborda o texto como uma folha em branco; Checagem de hipóteses: Ao longo da leitura, no entanto, o leitor estará checando constantemente essas suas hipóteses, isto é, confirmando-as ou desconfirmando-as e, conseqüentemente, buscando novas hipóteses mais adequadas. Se assim não fosse, o leitor iria por um caminho e localização e/ou cópia de informações: Em certas práticas de leitura (para estudar, para trabalhar, para buscar informações em enciclopédias, obras de referência, na Internet), o leitor está constantemente buscando e localizando informação relevante, para armazená-la – por meio de cópia, recorte - cole, iluminação ou sublinhado – e, posteriormente, reutilizá-la de maneira reorganizada.. Comparação de informações: Ao longo da leitura, o leitor está constantemente comparando informações de várias ordens, advindas do texto, de outros textos, de seu conhecimento de mundo, de maneira a construir os sentidos do texto que está lendo. Generalização (conclusões gerais sobre fato, fenômeno, situação, problema, etc. após análise de informações pertinentes): Uma das estratégias que mais contribui para a síntese resultante da leitura é a generalização exercida sobre enumerações, redundâncias, repetições, exemplos, explicações etc. Produção de inferências locais: No caso de uma lacuna de compreensão, provocada por exemplo, por um vocábulo ou uma estrutura desconhecidos, exerceremos estratégias inferenciais, isto é, descobriremos, pelo contexto imediato do texto (a frase, o período, o parágrafo) e pelo significado anteriormente já construído, novo significado para este termo até então desconhecido. Produção de inferências globais: Nem tudo está dito ou posto num texto. O texto tem seus implícitos ou pressupostos que também têm de ser compreendidos numa leitura efetiva. “Para fazê-lo, o leitor lança mão, ao mesmo tempo, de certas pistas que o autor deixa no texto, do conjunto da significação já construída e de seus conhecimentos de mundo, inclusive lógicos”. (ROJO 2009, P.77,78,79).

2.3 O ensino das estratégias de leitura: Uma prática possível.

Partindo do pressuposto de que “se aprende a ler lendo” (Perini 1982 apud Fullgêncio & Liberato, p.), ressaltamos a “leitura funcional”. Segundo ela a leitura nascerá do convívio com o material escrito adequado e somente dele, e que aprendemos a ler enquanto lemos durante as aulas de leitura e é evidente também que é durante as aulas de leitura que a aprendizagem das estratégias se dá. Portanto, seu ensino e sua aprendizagem devem ser o resultado da compreensão do que lemos em um momento determinado, em um texto concreto e com objetivos específicos de leitura. Essa lógica é possível graças ao que foi observado pelo referido autor em seus anos de pesquisa o que necessariamente não indica estatísticas para apoiar-se porém é nítido ainda hoje devido aos resultados de órgãos oficiais, a ineficiência de leitura dos alunos brasileiros. O que nos chama a atenção é que postulada na década de 80 a pesquisa de Perini nos revelou que a “maior parte da população brasileira adulta é funcionalmente analfabeta”. Essa realidade é constante na educação nacional. Em pesquisa divulgada recentemente através da ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização), realizada pelo MEC (Ministério da Educação, ficou constatado que as dificuldades em leitura, escrita e resolução de operações matemáticas são preocupantes. Os resultados são referentes ao ano de 2014, e no que diz respeito à proficiência em leitura os números da alfabetização no Brasil mostraram uma situação crítica: Os resultados demonstram que crianças com oito anos de idade que estão no Ensino Fundamental público não conseguem ler um texto e escrevem muito mal. Os dados mostram ainda que na leitura, 56,2% estão no pior nível e não entendem o que leem, nem mesmo histórias em quadrinhos; um terço dos alunos não aprendeu a escrever de forma minimamente satisfatória e não sabem escrever palavras de forma correta e os textos são incompreensíveis. A maioria que consegue escrever um texto comete muitos erros ortográficos e de concordância.

Os dados revelados pela pesquisa são desanimadores, porém ressaltamos a importância desses números, pois a escolarização da leitura tem sido discutida por diversos estudiosos. Para muitos a escola é o único espaço de leitura, e considerando que ela é a ferramenta de interação do indivíduo com o mundo letrado, faz-se necessário que esta seja inserida na escola de forma eficaz, para que a aprendizagem da compreensão seja satisfatória.

Frisamos a importância desses dados para a educação, pois a partir deles temos uma dimensão do quanto é preocupante o quadro educacional brasileiro. Apesar de o texto ser

adotado pelos PCNS (1998) como “unidade básica de ensino”, a realidade do trabalho em sala de aula em se tratando em leitura e compreensão ainda esta distante do ideal. SOLÉ (1998) afirma que mesmo sendo destacado como elemento importante no processo de ensino e aprendizagem, “hoje ele é indecifrável pelos alunos, apesar de foneticamente recuperável pelos alfabetizados”. Em relação a isso YUNES (2002) destaca que:

Nas filas, nos postos de atendimento público, os avisos escritos parecem ininteligíveis e sempre há a necessidade de que alguém esclareça o que está escrito. Pode bem ocorrer que o que está escrito não esteja em sua melhor forma, com frequência confundindo o leitor; mas em enunciado elementares “saídas à direita”, “introduza o cartão na abertura”, também se verifica a dificuldade de compreensão, operação denotativas da leitura, segundo os psicolinguistas. (Yunes, 2002 p.15) .

O que podemos considerar diante disso é que a leitura para muitos pode ser tornar um pesadelo sendo um bloqueio à aprendizagem e a integração com a sociedade culta. A leitura nas escolas tem que ser repensada, visto a necessidade de formar indivíduos capazes de compreender o mundo a sua volta. Kleiman (2002), afirma que “muitos fatores envolvidos na dificuldade que um principiante encontra para chegar a ler é que os textos são muitas vezes difíceis para eles”. Daí pontuamos a necessidade de o professor proporcionar aos alunos a aprendizagem das estratégias de leitura. Assim é necessário fazer uma seleção dos textos que serão lidos na escola, pensando também nas estratégias que possivelmente os alunos utilizarão para compreender o texto. Dessa forma a aprendizagem das estratégias será construída gradativamente e de acordo com o grau de dificuldade que lhe é imposto, pois o que torna a leitura eficaz ou não muitas vezes é a falta de compreensão do léxico, o texto que pode não ter sido bem elaborado ou até mesmo a falta de conhecimento prévio do assunto o qual está lendo o que necessariamente serão sanadas com a utilização de estratégias adequadas a cada dificuldade encontrada.

Mesmo nos deparando com resultados tão desanimadores quanto ao desempenho dos estudantes brasileiros no que diz respeito à leitura, sem contar as constantes reclamações dos educadores quanto a falta de interesse dos alunos pela leitura. Observar esse panorama é importante pelo fato de que por mais que se tenha investido em programas de incentivo à leitura os resultados alcançados ainda estão longe dos ideais. Perini afirma que “se aprende a ler lendo”, portanto acreditamos que se é na escola que a maior parte dos alunos tem acesso a

material de leitura, por que não são conciliar esse material com estratégias que visem capacitar os alunos a ler e compreender proficientemente? Dessa forma SOLÉ (1989) considera, que se as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão de textos. Visto que “estas não amadurecem, nem se desenvolvem, nem emergem, nem aparecem. Ensinam-se – ou não se ensinam – e se aprendem – ou não se aprendem”. O que caracteriza a “mentalidade estratégica” é sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções. Por isso, ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso de estratégias, que possam ser transferidas sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas. Elas tem um papel importante, visto que para SOLÉ (1998), a capacidade de ler e compreender segundo são produtos de três condições: da Clareza, coerência do conteúdo dos textos, da familiaridade ou conhecimento da sua estrutura e do nível aceitável do seu léxico, sintaxe e coesão interna; do grau de conhecimento prévio do leitor seja relevante para o conteúdo do texto; das estratégias que o leitor utiliza para intensificar a compreensão e a lembrança do que ele assimila, assim como para detectar e compensar os possíveis erros ou falhas de compreensão.

O que devemos levar em consideração é que pela variedade de conceitos de estratégias de leitura devemos ter cuidado segundo SOLE para não confundi-las com técnicas de ensino. O que se precisa ter como objetivo ao ensinar as estratégias na escola é que o aluno tenha destreza para planejar a tarefa geral da leitura e sua própria localização o que segundo a autora seria a motivação e a disponibilidade diante dela; facilitarão a construção, a revisão, o controle do que se lê e a tomada de decisões adequada em função dos objetivos perseguidos. E que por preexistir uma lista de estratégias proficiente corre o perigo de transformar o que é um meio em um fim do ensino em si mesmo. Por outro lado, a existência dessa lista pode nos ajudar a cair na tentação de ensinar as estratégias não como tais, mas como técnicas ou procedimentos de nível inferior. Devemos levar em conta que para a aprendizagem da leitura o que é fundamental é que as crianças não tenham um amplo repertório de estratégias, mas sim uma quantidade adequadas para a compreensão dos textos.

No ensino de leitura, o professor precisa de certa forma, agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Com a ajuda do professor e de outros leitores, o ensino das estratégias poderá desenvolver a competência leitora, pela prática da leitura. Nessa condição, o aluno deve pôr em jogo tudo o que sabe para descobrir o que não sabe. Essa

atividade só poderá ocorrer com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, favorecendo a circulação de informações. As estratégias de leitura devem ser ensinadas e trabalhadas, pois ninguém nasce sabendo.

2.4 Estratégias para a leitura.

O ato da leitura é uma atividade que exige não só competência, mas também prazer por parte do leitor. Parafraseando Freire (1998) postula que muita de nossa insistência, enquanto professores, para que os estudantes leiam, num semestre, vários capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. O autor cita que em sua “andarilhagem” pelo mundo, não foram poucas às vezes em que jovens lhe falaram da luta às voltas com extensa bibliografia a serem muito mais devoradas do que realmente lidas ou estudadas.

Refletindo sobre a importância do ato de ler, que para o autor implica sempre em uma percepção crítica, interpretação do mundo que o rodeia, é válido ressaltar que o professor como agente de letramento deve considerar algumas estratégias para tornar a leitura não só uma atividade prazerosa como também cotidiana. Num sentido amplo, o ato de ler é visto como um processo de apreensão da realidade que cerca o indivíduo, bem como a leitura do escrito resignificado pelo aluno através da compreensão. É óbvio que ao falarmos sobre o ato de ler, devemos considerar este ato é um processo dinâmico e ativo, o professor deve buscar metodologias para auxiliar essa prática.

Segundo os PCNS, uma forma de incentivar a prática da leitura em sala de aula, é selecionar situações didáticas adequadas que permitam ao aluno, ora exercitar-se na leitura de tipos de texto para os quais já tenha construído uma competência, ora empenhar-se no desenvolvimento de novas estratégias para poder ler textos menos familiares, o que demandará maior interferência do professor. Tais atividades podem ocorrer com maior ou menor frequência, em função dos objetivos de ensino-aprendizagem. Assim de acordo com o objetivo da leitura proposta, o cabe a utilização de estratégias específicas para alcançar o objetivo proposto.

Dentre as leituras propostas pelos PCNS (1998) para desenvolver estratégias de leitura, destacamos *Leitura autônoma*, a qual envolve a oportunidade de o aluno poder ler, de

preferência silenciosamente os textos para que ele já tenha desenvolvido certa proficiência; *Leitura colaborativa*, onde a atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos. Salientamos que essa é uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores, principalmente para o tratamento dos textos que se distanciam muito do nível de autonomia dos alunos. É particularmente importante que os alunos envolvidos na atividade possam revelar as estratégias que utilizam para atribuir sentido ao texto; *A Leitura em voz alta* pelo professor além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor. É o caso da *leitura compartilhada* de livros em capítulos que possibilita ao aluno o acesso a textos longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-lo, mas que, talvez, sozinho não o fizesse; *Leitura programada* é uma situação didática adequada para discutir coletivamente um título considerado difícil para a condição atual dos alunos, pois permite reduzir parte da complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade.

O professor poderá apresentar diferentes gêneros textuais, porém mesmo que não seja abordado um número significativo, o leitor conseguirá transferir as técnicas para outros tipos de textos com os quais vier a se deparar e mais que isso, será capaz de aprender com eles. Dessa forma Retomamos Solé (1998), quanto a necessidade de se ensinar procedimentos para a aprendizagem dos variadas leituras: “Porque é necessário ensinar estratégias de compreensão? Em síntese, porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índoles muito diversas, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução”.(SOLÉ, 1998, p.72).

3. A UTILIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE NA COMPREENSÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS: UM RECORTE DO PROJETO PRDAGÓGICO CONSCIÊNCIA DE SER BRASILEIRO: ÍNDIO, BRANCO E NEGRO.

A adolescência é um período em que o indivíduo constrói sua identidade, além de que é nesse período que as transformações corporais, afetivas, cognitivas e socioculturais são evidenciadas. É de suma importância que o profissional de educação saiba considerar essas mudanças, visto que uma educação voltada para a formação integral do indivíduo busca preparar o indivíduo para viver numa sociedade multicultural. A escola como parte dessa sociedade é uma importante agência de produção de conhecimento, que será mediado pelo professor através das diferentes metodologias usadas por ele em sua prática pedagógica.

Por ser uma espaço de diversidade cabe a escola o papel de formular postas que levem o indivíduo a adquirir competências, conhecimentos, habilidades e valores para a vida. FREIRE (2011), afirma que a sociedade está cada vez mais excludente, onde dois terços da população sofrem profundas injustiças. Desse ponto de vista, é urgente que a leitura seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política. Para isso a escola agencia de letramento deve preparar o aluno para enfrentar o mundo, mas sem esquecerem-se das suas origens, reconhecendo a cultura do seu povo, a história do lugar onde estão inseridos de forma a se identificarem como sujeitos “sócio históricos”.

3.1 –O projeto - A consciência de ser brasileiro: índio, branco e negro –

A formação de cidadãos críticos é, sem dúvida, a preocupação de todas as instâncias educacionais. No entanto, formar leitores é algo que requer condições favoráveis para a prática social da leitura. É difícil enumerar os problemas da educação no Brasil, mas os índices que indicam a ineficiência da leitura, tem se tornado os focos de estudiosos na área. Apesar dos estudos apontarem para falhas da educação, devemos convir que tivesse acesso à escola significa ter acesso à leitura e nela obter as habilidades e os conhecimentos necessários à participação no mundo letrado, pois para muitos a escola é o único lugar onde ele tem contato com a leitura, e assim colocar em prática o que o mundo lhe exige. Nesse sentido

ações voltadas para a formação de leitores são as melhores estratégias para sua integral formação.

Freire (2002) acredita que “a prática pedagógica do professor, para promover o desenvolvimento da autonomia dos seus educando, a fim de formar um (a) aluno (a) autônomo, deve ser muito mais que treinar e depositar conhecimentos simplesmente”. Para ele os indivíduos são sujeitos histórico-social, e já trás de sua casa vária saberes aprendido no seu dia-a-dia.

Nessa perspectiva, o projeto “Consciência de ser Brasileiro: Índio, branco e negro”, é um exemplo das práticas escolares voltadas para a formação social do indivíduo. Gestado a partir da necessidade de buscar estratégias para minimizar as deficiências em leitura e compreensão textual dos alunos, o projeto consiste em trabalhar a leitura e a compreensão, utilizando para isso a diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente, visando à inserção do aluno no mundo letrado e conseqüentemente na formação da opinião critica reflexiva.

As atividades do projeto foram desenvolvidas nas aulas de Língua portuguesa, as quais correspondem a quatro hora /aulas semanais. Foram desenvolvidas respectivamente nas segundas, terças e quartas-feiras, atividades de prática de leitura e compreensão textual, análise linguística e produção de texto, a fim de despertar nos alunos a sensibilidades para buscar o aperfeiçoamento dessas habilidades, visto ter sido detectado diagnosticamente pela professora o baixo desempenho dos alunos em leitura e compreensão.

Nas atividades desenvolvidas o foco principal foi a leitura e compreensão de texto, pois segundo análise prévia da professora os alunos contemplados pelo projeto têm um histórico de defasagem de aprendizagem em dos conteúdos escolares em conseqüência da má compreensão leitora.

O Projeto foi aplicado na série do oitavo ano (7ª serie) do ensino fundamental, com alunos da faixa etária de treze (13) a dezessete (16) anos e residentes no bairro Jacobina III, local onde está situado a escola, além de alunos das localidades de Malhadinha, Itapicuru, Jacobina IV entre outros próximo a escola.

As atividades foram norteadas pelos PCNS e nas aulas semanais a professora utilizou gêneros textuais pré-selecionado pelos alunos de acordo com a temática abordada pela regente. O objetivo do projeto foi priorizar as características discursivas e linguísticas de todos os gêneros estudados, visando dar suporte aos alunos na produção de seus próprios textos. Esses gêneros foram utilizados durante todo o projeto com o intuito da familiarização

dos mesmos pelos alunos. Para isso, foi criada uma “Caixa de leitura”, onde os alunos guardavam todos os gêneros estudados, para serem retomados sempre que necessário. Essa caixa serviu também para classificar os gêneros de acordo com o tipo textual, objetivando capacitar os alunos para saber classificar o gênero trabalhado, de acordo com a sua funcionalidade.

A temática abordada nas aulas foi à conscientização dos alunos para se reconhecerem como sujeitos integrantes de uma sociedade híbrida formada pela miscigenação das três raças (índio, o branco e o negro) formadoras do povo brasileiro. Os temas abordados salientaram desde o modo de vida até a cultura, crenças e valores das três raças, estimulando os alunos a valorizarem os aspectos culturais das três raças afim construir sua identidade perante uma sociedade letrada e cheia de diversidades culturais. Para tanto as aulas foram planejadas abordando um gênero específico por vez, permitindo aos alunos apropriar-se das características discursivas, linguísticas e sua funcionalidade de cada um. Os conteúdos de Língua Portuguesa foram trabalhados associados à leitura e compreensão dos textos, buscando aliar a teoria com a prática, e visando valorizar a linguagem produzida na escola, mostrando que ela é o reflexo do diálogo do cotidiano e da interação com as pessoas.

O projeto foi dividido em três fases: a primeira fase foi aplicada na primeira unidade do ano letivo, e teve como objetivo trabalhar a diversidade de gêneros mostrando aos alunos os tipos de textos que circulam socialmente. Como metodologia a professora direcionou os alunos a selecionarem os gêneros que seriam trabalhados, sendo que cada tipo de gênero era trabalhado semanalmente. Dentre os gêneros trabalhados destacamos os gêneros informativos como reportagem, notícia, artigos e os gêneros literários destacamos a música, poesia, os contos. Houve ainda o trabalho com os gêneros imagéticos como as fotografias, as quais foram enfatizadas, visando mostrar aos alunos que esse tipo de gênero exige uma leitura e compreensão atenciosa e crítica, além de uma função social específica.

As práticas de leituras eram realizadas conjugada com a interpretação do texto e análise linguística respectivamente como já foi dito anteriormente. Passada esse período, a segunda fase teve como propósito apropriar o aluno para ler e compreender esses gêneros de forma proficiente e prazerosa. Foi realizado um seminário em grupos, onde os alunos expuseram através do gênero painel todo o conhecimento adquirido a respeito dos temas selecionados, sendo que cada grupo ficou responsável em expor um item específico da cultura das raças abordadas. Dessa forma a sala foi dividida em grupos, e cada grupo elaborou um painel mostrando um item da cultura das três raças através de gêneros textuais. Os temas

abordados foram; a linguagem de cada grupo social, comidas típicas, as músicas, brincadeiras de criança, artesanato, modo de vida, crenças e culto religioso. Todo esse material foi exposto na própria escola como forma de treinamento para a exposição na comunidade.

É relevante salientar que os textos apresentados foram elaborados pelos próprios alunos a partir da mediação da professora e de acordo com estratégias pedagógicas. Essa fase foi de grande relevância, pelo fato de que os textos produzidos seriam utilizados pelos alunos na terceira e última fase que consistiu em na culminância do projeto e socialização com a comunidade.

Essa última fase, além de abranger todos objetivos já descritos levou os alunos a colocarem em prática tudo o que foi aprendido. “O gênero textual produzido por eles foi um “projeto de pesquisa”, o qual foi embasado pelo texto da UNESCO “Os quatro Pilares da educação”. Esse projeto foi sendo estruturado a cada aula e produzido de acordo a demonstrar o gênero textual que o grupo iria expor. Cada grupo leu e interpretou um dos pilares (Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser) e em seguida discutiram a respeito de cada um dos pilares. É interessante destacar que toda a atividade foi direcionada pela professora, a qual utilizando estratégias pedagógicas foi incentivando os alunos a utilizarem estratégias de leitura para compreender o texto. Dentre as utilizadas pela professora ficou evidente a utilização de inferências, onde foi solicitado que os alunos destacassem palavras-chave que ilustrassem o tópico que estavam analisando e após isso deveriam montar uma fala para os demais colegas explicando a ideia central do texto lido. Após a análise dos textos cada aluno produziu seu projeto individualmente. Esses textos produzidos teriam que demonstrar para a comunidade aspectos das culturas estudadas.

Nesse sentido, Lukesi (1994), acredita que o professor deve valorizar esse conhecimento, e desenvolvê-lo cada vez mais, para formação, de indivíduos capazes. Em suas reflexões ele acredita na participação do educando como membro da sociedade como qualquer outro sujeito, possuindo elementos que o caracterize em suas atividades, sociabilidade, historicidade, praticidade.

Na relação educativa, dentro da práxis pedagógica, ele é o sujeito que busca uma nova determinação em termos de patamar crítico da cultura elaborada, ou seja, o educando é o sujeito que busca adquirir um novo patamar de conhecimentos, de habilidades e modos de agir. É para isso que busca a escola. Ir à escola, forma institucionalizada de educação da sociedade moderna, não tem por objetivo a permanência no estágio cultural que ele está, mas, sim a aquisição de um patamar novo, a partir da ruptura que se processa pela assimilação ativa da cultura elaborada.

(...) hoje, exige a escolarização, como instância pedagógica. (LUKESI, 1994, p.117, 118)

Visto isso, o educando não pode e nem deve ser visto como simples indivíduo a ser moldado. Vivemos em uma sociedade marcada pela exclusão e segundo FREIRE (2011), “o mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo”, não deve negar ao aluno “o direito de dizer a sua palavra”. A escola tem a função política de instruir o aluno a se reconhecer como um personagem importante capaz de moldar-se, mediante as atividades, desenvolvendo seus sentidos (aprender a fazer, a ser e a viver) , se preparando para entender, contribuir e interagir com sua comunidade sendo assim preparado para o exercício da cidadania e tendo condições de se formar para o exercício da autonomia, lendo, interpretando, participando e compreendendo criticamente o mundo a sua volta, fazendo o que Freire (2002) chama de “leitura de mundo”.

3.2 Aspectos metodológicos:

3.2.1 A Pesquisa

Foi realizado na Escola Municipal Luís Alberto Dourado em Jacobina, com o intuito de verificar o emprego das estratégias de leitura na compreensão de texto. A metodologia utilizada na respectiva pesquisa tem como base um referencial teórico e a análise qualitativa dos dados apresentados. O método qualitativo diz respeito ao nível da avaliação da relevância e da significação dos problemas abordados, o que segundo Oliveira, 2001, é utilizado para descrever, relatar, compreender e classificar minuciosamente o que os autores ou especialistas escrevem sobre determinado assunto.

3.2.2 Os Sujeitos

Os participantes foram uma professora de língua portuguesa e 10 alunos com idades entre 13 anos a 16 anos de uma turma de sétima série de uma escola Municipal na periferia de Jacobina, sendo quatro do sexo feminino e seis do sexo masculino.

3.3 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Para compreender a dinâmica do projeto Consciência de ser Brasileiro, foram realizadas observações das aulas de leitura, além de tentar identificar se nos procedimentos metodológicos utilizados pela professora havia indícios da utilização de estratégias de leitura para viabilizar a compreensão da leitura pelos alunos. Essas observações foram necessárias pelo fato de que o início do projeto se dera no início do ano letivo, abrangendo todas as unidades e a pesquisa foi realizada já no início da última unidade do ano letivo. Não podendo assim utilizar para a investigação apenas o instrumento da observação. Por esse motivo optou-se em utilizar o questionário de pesquisa aos alunos, no qual a partir das respostas obtidas pudesse perceber o uso de estratégias na leitura na compreensão de textos.

No período de 15/09/2014 à 24/11/2014 foram realizadas as observações das aulas de leitura para verificar como transcorriam as práticas de leitura e compreensão textual, bem como sua aplicabilidade dentro do Projeto. É válido ressaltar que durante esse período foram observadas apenas cinco (h/aulas) de leitura e compreensão, visto que face ao tempo decorrente do início do projeto pedagógico, sem contar que o foco da pesquisa é verificar o uso das estratégias pelos alunos.

3.4 Análise e Interpretação dos dados coletados

Durante as observações de aula percebemos que o modelo de aula utilizado pelo professor centrou-se bastante no modelo tradicional de leitura. Ora era colocadas questões aos alunos, no sentido de avaliar os conhecimentos prévios que estes possuem sobre o assunto, ou então para explorar o conteúdo desejado. As observações permitiram visualizar a utilização de alguns procedimentos metodológicos como, por exemplo, a leitura em voz alta realizada pela

professora, com pausas para discutir os parágrafos; a leitura compartilhada mediada pela professora o que foi constatado que a maioria dos alunos tinha dificuldades na leitura, sendo necessária a intervenção da professora para que a leitura fluísse.

É importante destacar que as estratégias utilizadas pela professora foram importantes para o desenvolvimento das atividades de leitura e compreensão. Ora percebeu-se que a proximidade da professora e a atenção dedicadas ao leitor do momento, lhes davam maior segurança para prosseguir com a atividade. Essa iniciativa demonstrou que apesar das dificuldades enfrentadas pelos alunos, até mesmo em pronunciar algumas palavras, o auxílio da regente deu maior condições ao aluno para prosseguir na leitura. Em relação ao processo de compreensão do texto lido, verificou-se que é um processo ainda com muitas deficiências. Percebeu-se que as estratégias pedagógicas da professora, estavam voltadas para as necessidades dos alunos em fazerem uma ligação entre o que tinham acabado de ler e o tema em questão, a fim de formularem conceitos que os ajudassem a se reconhecerem como indivíduos pertencentes a uma das três culturas discutidas no projeto. Os encaminhamentos feitos por ela foram de acordo com as necessidades que iam surgindo, sendo possível inferir que as estratégias de leitura utilizadas pela professora não teriam sido planejadas previamente com aquele fim específico.

Quanto à aplicação do questionário foi feita de acordo ao quanto planejado antecipadamente; Na semana que antecedeu a aplicação, foi mantida uma conversa com os alunos para que escolhesse dentre os textos trabalhados na “caixa de leitura”, o que mais tinha lhe chamado à atenção e levasse para a próxima aula. Dentre a classe foram escolhidos dez alunos aleatoriamente para responderem ao questionário, contendo nove questões do tipo aberta, o que permitiu aos entrevistados, responder livremente, usando linguagem própria e emitindo opiniões. Antes da aplicação do questionário, explicou-se a respeito de sua finalidade e da importância do preenchimento de todas as questões, pois as respostas subsidiam a pesquisa. Abaixo segue quadro demonstrativo do questionário aplicado

QUESTIONÁRIO	
ORD	PERGUNTA
01	Você se considera um bom leitor? () Sim () Não. Por quê?
02	Você acha que a leitura é importante para a vida das pessoas? () Sim () não Por quê?
03	Dentre os textos trabalhados na “caixa de leitura” qual o que mais lhe chamou atenção? Por quê?_
04	A que gênero textual ele pertence? Como você conseguiu identificar?

05	Antes de ler o texto você já tinha algum conhecimento a respeito do tema apresentado no texto no texto?
06	Antes de ler um texto, você verifica seus títulos e subtítulos? Por quê?
07	Quando você encontra uma dificuldade para compreender o que está lendo o que faz para tornar mais fácil a leitura?
08	Você consegue compreender o texto a primeira vez que o lê?O que você faz quando encontra alguma dificuldade na leitura de um texto?
09	Ao ler o texto você consegue sozinho identificar a ideia central? ()sim ()não. Como faz isso?

Para identificar as respostas dos entrevistados, optou-se em identificá-los pela sigla AL acompanhada de um numeral sequencialmente a partir do número um, conforme quadro abaixo:

AL-01	AL-02	AL-03	AL-04	AL-05	AL-06	AL-07	AL-08	AL-09
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

3.4.1 Quadro ilustrativo dos dados coletados.

Quadro 1.

VOCÊ SE CONSIDERA UM BOM LEITOR? SIM OU NÃO? JUSTIFIQUE.			
AL	SIM	NÃO	JUSTIFICATIVA
01		X	Porque eu tenho um pouco de dificuldade em interpretar perguntas.
02		X	Porque eu não gosto de ler.
03	X		Porque eu ando praticando em casa às vezes não consigo ler corretamente, mas na maioria das vezes consigo.
04		X	Não sei ler bem.
05		X	Porque para ser um bom leitor é preciso falar bem e ler bem e eu às vezes engancho em algumas palavras.
06		X	Porque eu não sei ler bem, mas gosto muito de ler.
07		X	Eu sei muitas coisas em uma leitura, mas ainda falta muito para eu me considerar bom.
08		X	Porque eu tenho dificuldade na hora da ler e compreender o texto.
09	X		Porque eu entendo o que eu leio porque quando eu me leio mesmo discuto o texto que eu li quando eu entendo.
10	X		Porque não tenho muita dificuldade para ler.

Quadro 02.

VOCÊ ACHA QUE A LEITURA É IMPORTANTE PARA A VIDA DAS PESSOAS? JUSTIFIQUE.			
AL	SIM	NÃO	JUSTIFICATIVA

01	X	Pois ler é conhecer e por isso é importante.
02	X	Porque as pessoas aprendem muito mais e a leitura estimula o cérebro das pessoas.
03	X	Porque precisamos da leitura em todos os momentos da nossa vida, para termos um trabalho.
04	X	Porque toda hora a gente lê.
05	X	Pois a leitura está presente na nossa vida, então é mais do que importante é importantíssimo.
06	X	Porque a leitura é muito importante para a gente interpretar qualquer tipo de texto.
07	X	Porque ninguém entenderia um ao outro.
08	X	Porque as pessoas precisam saber o que se passa em um texto, lendo e conhecendo melhor a pessoa tem uma carreira pela frente.
09	X	Porque a leitura é essencial para a vida das pessoas, sem leitura não podemos ler um jornal, um livro etc. A leitura é um método maravilhoso, leitura é tudo.
10	X	Sim porque facilita você a entender melhor as coisas, identificar um local que ainda não conhece.

Quadro 03.

DENTRE OS TEXTOS TRABALHADOS NA “CAIXA DE LEITURA” QUAL LHE CHAMOU ATENÇÃO? POR QUÊ?	
AL	JUSTIFICATIVA
01	Asa Branca de Luiz Gonzaga. Pois é linda e relata a vida no sertão.
02	Eu não tenho caixa de leitura.
03	A notícia. Porque deixa a gente informada da nossa cidade e do nosso dia-a-dia.
04	Culinária, porque eu adoro trabalhar com o termo comida.
05	Poesia. Porque eu gostava de poemas, mas depois de fazer a caixa de leitura eu comecei a amar a poesia, e me chama muito a atenção, pois eu compreendo mais e entendo mais.
06	As histórias em quadrinhos. Porque é um tipo de texto muito legal de interpretar.
07	Prometeu. Uma lenda Romana.
08	Os desenhos. Porque eles passam informações.
09	Textos sobre os índios, porque antes eu não tinha vontade de saber sobre os índios. Eu achei muito interessante saber sobre a cultura de um povo, de um país.
10	Asa Branca.

Quadro 04.

DENTRE OS TEXTOS TRABALHADOS NA “CAIXA DE LEITURA” QUAL LHE CHAMOU ATENÇÃO? POR QUÊ?	
AL	JUSTIFICATIVA
01	Música, pois tem estrofes, rimas e refrão
02	Não sei
03	Não sei
04	Texto literário. Lembrei-me da aula em que estudamos.
05	Poesia, pois são versos que formam estrofes ou rimas;
06	Não sei
07	Conto, porque é uma coisa fantástica que mexe com a fantasia, o homem busca respostas e uma das respostas é inventar coisas extraordinárias;
08	Notícia. Eu consegui identificar porque passa informação,
09	Não soube identificar
10	Música. Cantando e lendo as estrofes

Quadro 05.

ANTES DE LER O TEXTO VOCÊ JÁ TINHA ALGUM CONHECIMENTO A RESPEITO DO TEMA APRESENTADO?	
AL	JUSTIFICATIVA
01	Sim, pois já tinha ouvido a música;
02	Depende do texto;
03	Não
04	Sim;
05	Mais ou menos, eu conhecia, mas não tanto quanto agora, pois eu compreendo mais eu leio um pouco melhor e aprendo a respeito do que se trata.
06	Sim
07	Não. Porque o título pode ser diferente.
08	Não só comecei a ter conhecimento quando eu estudei e aprendi melhor sobre os textos.
09	Assim! Eu sabia o básico sobre o texto, de que foram os primeiros habitantes do país etc..
10	Não.

Quadro 06

ANTES DE LER UM TEXTO, VOCÊ VERIFICA SEUS TÍTULOS E SUBTÍTULOS? POR QUÊ?	
AL	JUSTIFICATIVA
01	Sim, pois é informação e ajuda, a saber, o que o texto fala; O; AL7 Sim porque é uma coisa importante;
02	Não
03	Sim porque é muito importante saber do que se trata o texto;
04	Sim para saber o que se trata;
05	Sim porque isso faz eu identificar e ter mais ou menos certeza do que ele se trata ou seja do que ele ira contar
06	Sim para saber do que o texto fala
07	Sim porque é importante saber;
08	Não
09	Porque para identificar melhor a que o texto está se referindo.
10	Para saber do que se trata o texto e para facilitar a leitura.

Quadro 07

QUE VOCÊ FAZ AO ENCONTRAR NO TEXTO UMA PALAVRA QUE VOCÊ NÃO CONHECE?	
AL	JUSTIFICATIVA
01	Pesquisei no computador ou deixo para lá;
02	Vou pesquisar no dicionário;
03	Grifo para ir ao dicionário ou pesquisei para saber o significado;
04	. Sublinho para ir pesquisar no dicionário;
05	Eu procuro às vezes no dicionário ou o significado na internet.
06	Eu sublinho para depois eu pesquisar o que ela significa;
07	Procuro em um dicionário ou pergunto para meu pai ou professora;
08	Eu circulo e procuro no dicionário.;
09	Quando eu não conheço, eu vou ao dicionário pesquisar a palavra assim fico por dentro.
10	Pesquisei no dicionário ou pergunto para alguém que sabe

Quadro 08.

QUANDO VOCÊ ENCONTRA UMA DIFICULDADE PARA COMPREENDER O QUE ESTÁ LENDO O QUE FAZ PARA TORNAR MAIS FÁCIL A LEITURA?	
AL	JUSTIFICATIVA
01	Eu leio de novo.
02	Nada
03	Tento ficar calmo e depois treino me olhando no espelho
04	Leio bem devagar.
05	Respondeu: Leio o texto ou preço ajuda de alguém para me ajudar, faço sempre isto, pois torna sempre um pouco mais fácil para eu compreender.
06	Eu leio várias vezes e depois devagar.
07	Leio devagar e com calma.
08	Eu leio quantas vezes for preciso para compreender o que se passa no texto.
09	Eu imagino na memória como poderia estar acontecendo. Assim facilito a leitura”.
10	Releio o texto novamente até entender com mais facilidade.

Quadro 09.

. AO LER O TEXTO VOCÊ CONSEGUE SOZINHO IDENTIFICAR A IDEIA CENTRAL? ()NÃO ()SIM. COMO FAZ ISSO?	
AL	JUSTIFICATIVA
01	Não. Eu leio de novo de novo até compreender;
02	Não marcou, mas respondeu: “Às vezes”. Não sendo possível tirar uma conclusão;
03	O aluno não respondeu;
04	Sim, presto bastante atenção e leio mais de uma vez;
05	Não. As vezes sim as vezes não, mas sempre é preciso a presença de alguém para me ajudar ou mesmo leio “mil vezes”, para entender pelo menos um pouquinho do que se trata, ou a ajuda da professora”.
06	Às vezes quando o texto é fácil, de interpretar. “Não quando o texto tem muitas palavras que não conheço”;
07	Não respondeu
08	Não. “Porque eu tenho dificuldade para ler e compreender o que se passa no texto”.
09	Marquei as duas opções porque em alguns textos sim e em outros não. “Eu faço isso lendo o texto e me fazendo perguntas assim chego à ideia central”.
10	Sim. Lendo com bastante atenção.

Depois da recolha dos dados, análise procedeu conforme o modelo de pesquisa proposto e a partir dos objetivos previamente elaborados, constatou-se primeiramente que os indivíduos pesquisados não se reconhecem como bons leitores como ficou demonstrado no quadro 1. Dos dez alunos pesquisados três disseram ser bons leitores, enquanto que o restante se declararam ineficientes na leitura. Destacamos que o conceito evidente na maioria das respostas é o de que para ser um bom leitor é necessário compreender a leitura. Considerando que para os Parâmetros curriculares nacionais (1998), o bom leitor é aquele que consegue estabelecer estratégias adequadas para abordar os textos que circulam socialmente, sendo capaz de ler as entrelinhas, e identificar elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos.

No quadro 02, verificou-se que apesar de se intitularem ineficientes na leitura, os pesquisados reconhecem a importância da leitura para a formação intelectual, profissional e para o exercício da cidadania. Todos reconheceram a importância da leitura como um ato de construção da sociedade, o que pode ser reforçado por Freire (2011), o qual destaca que o ato da leitura é “ato político e um ato de conhecimento”. Para isso “não se reduz ao puro ensino das palavras, das sílabas ou das letras”, mas, pelo fato de que a medida que o indivíduo vai se alfabetizando e “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias”, e “enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito

No que se referem aos gêneros textuais, verificou-se que houve um trabalho com a diversidade; e que os alunos já conseguem classificá-los quanto à tipologia. Buscou-se também sondar o envolvimento dos alunos na leitura e compreensão dos gêneros trabalhados e percebeu-se nos quadros 03 e 04 que os pesquisados já têm noção dos tipos textuais e sua funcionalidade.

Mais uma vez recorrendo aos PCNS, verifica-se que os textos organiza-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gênero e sua relevância social.

Diante do exposto percebe-se que os pesquisados possuem noções do que seja um gênero textual, porém não consegue distingui-lo ainda de tipos textuais. É relevante dizer, segundo os PCNS (1998), “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam”. (PCNS 1998. P.21). Essas diferenças devem ser claramente explicadas para os alunos, pois essa tipologia variada pode e deve contribuir para a compreensão dos diferentes textos apresentados pelo professor em sua prática.

A utilização do conhecimento prévio pelos pesquisados também foi confirmado no quadro 05, apesar das respostas terem sido confusas, notou-se a utilização de informações prévias pelos alunos para melhor compreender o texto. Alguns demonstram utilizar os conhecimentos prévios, mas apenas um aluno demonstrou saber a importância dessa estratégia para leitura enquanto que os demais o utilizam de forma inconsciente.

O conhecimento prévio é fundamental no processo de compreensão leitora, pelo fato de que as informações armazenadas pelo indivíduo ao longo de sua vida são acionadas para assim conseguir construir o sentido do texto. Kleiman (1984,) afirma que é mediante a

interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue dar sentido ao texto. A autora denomina ainda essa estratégia de ainda “conhecimento de mundo ou enciclopédico, ou seja, é a bagagem de informações que ele traz na memória, tudo que foi adquirido tanto formalmente como informalmente. A utilização do conhecimento prévio mediante a interação dos diversos níveis do conhecimento possibilitam o engajamento do leitor no texto, facilitando o processo de compreensão.

Da mesma forma constatou-se que os pesquisados utilizam a predição no processo de leitura o que foi demonstrado no quadro 06, ao mesmo tempo em que sabem da importância dessa estratégia para ajudar na leitura, visto a partir do título é possível buscar pistas que lhes auxiliam construir o sentido do texto. ROJO (2009), destaca que na antecipação ou predição, o leitor não aborda o texto como uma folha em branco, mas a partir da situação de leitura, de suas finalidades ou suporte do texto entre outros, o leitor levanta hipóteses tanto sobre o conteúdo como sobre a forma do texto ou da porção seguinte de texto que estará lendo.

“Esta estratégia opera durante toda a leitura e é também responsável por uma velocidade maior de processamento do texto, pois o leitor não precisará estar preso a cada palavra do texto, podendo antecipar muito de seu conteúdo. (ROJO, 2009,P.77).

O quadro 07, demonstra o dicionário é uma estratégia de verificação. Os alunos buscam no dicionário o significado das palavras desconhecidas. Verifica-se porém que essa estratégia é utilizada sem levar em consideração o contexto em que a palavra está inserida sendo utilizado apenas para decodificar o texto. Nesse sentido, os PCNS,(1998),apontam que a utilização do léxico na leitura de textos escritos não se reduz apenas a apresentar sinônimos de um conjunto de palavras desconhecidas pelo aluno e substituindo-a por outra de sinônimo idêntico. Pois, dessa forma a palavra se torna “portadora de significado absoluto”, ou seja, como índice para a construção do sentido, já que as propriedades semânticas das palavras projetam restrições seletivas. Assim:

Esse tratamento, que privilegia apenas os itens lexicais (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios), acaba negligenciando todo outro grupo de palavras com função conectiva, que são responsáveis por estabelecer relações e articulações entre as proposições do texto, o que contribui muito pouco para ajudar o aluno na construção dos sentidos. (PCNS2008, p. 84)

Sabemos que na leitura o indivíduo necessita estabelecer uma relação de interação com o texto, e se ele não consegue reconhecer nem tão pouco compreender o significado das palavras que não conhece dentro de um contexto, ele também não consegue construir um sentido para o texto.

O uso do dicionário nas aulas de leitura é uma estratégia importante desde que haja um objetivo específico. O domínio do léxico é fundamental, pois auxilia na leitura. O professor pode ensinar essas estratégias aos alunos de forma que eles compreendam que uma palavra de acordo com o contexto de uso pode assumir significados diferentes. Solé (1998) ressalta que o domínio lexical atrelado ao conhecimento prévio, contribuem significativamente no desenvolvimento da leitura, como da compreensão, visto que a capacidade de se analisar diferentes contextos com maior flexibilidade, auxilia na resolução de possíveis dificuldades que o leitor se deparar.

O quadro 08 indica que os pesquisados usam estratégias diversas para sanar as dificuldades na leitura. Ficou demonstrado que a maioria utiliza a estratégia da releitura do texto quando encontram dificuldades e apenas uma minoria procura resolver de outras formas. Para os pesquisados esta é uma forma, que eles acreditam que o texto é capaz de responder a qualquer dúvida que possam ter durante a leitura. Esse aspecto, também, merece ser mais estudado, pois a dificuldade pode existir em função de problemas textuais, por exemplo, uso inadequado de elementos coesivos, como também em função de elementos extralinguísticos, como falta de conhecimento prévio sobre o tema do texto. Sabe-se que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. Esse processo conta com a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto com o objetivo de guiar sua leitura, ou seja, toda vez que lê o indivíduo tem uma finalidade; ficou demonstrado que ao reler o texto pausadamente o pesquisados tentam sanar uma dificuldade para alcançar a finalidade desejada.

Solé (1998) pontua que na compreensão de um texto as inferências que o leitor faz para compreender são resultados tanto da forma e do conteúdo do texto, como dos conhecimentos prévios. São esses fatores que possibilitam ao leitor fazer inferências de significados que resultam em uma melhor compreensão do texto. É um processo interno, mas deve “ser ensinado”.

É necessário ensinar estratégias de compreensão, porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índoles muito diversas, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução. (SOLÉ, 1998, p.72).

A interpretação do texto envolve determinar as ideias principais que ele contém e que, embora um autor elabore um texto para comunicar determinados conteúdos, a ideia ou as ideias principais construídas pelo leitor dependem dos seus objetivos de leitura e de seus conhecimentos prévios. “Um leitor competente deve pensar com clareza e ser capaz de reconhecer a importância e a necessidade de certas informações, sendo capaz de criar suas próprias estratégias de compreensão adequando-as às suas possibilidades e às do texto”. (SOLÉ, 1998, P.)

4. CONCLUSÃO

A presente pesquisa visou demonstrar a importância das estratégias de leitura na leitura e compreensão de gêneros textuais para a formação de um leitor ativo, além de verificar a frequência de uso e quais estratégias os participantes utilizam para compreender os gêneros textuais trabalhados em sala de aula.

Para nos apropriarmos dos conceitos de leitura, gênero textual e compreensão e estratégias de leitura, recorreremos a um conjunto de autores que definem as temáticas acima citadas como atividades interativas e de relevante importância para a formação da competência leitora do indivíduo.

Neste trabalho notamos que apesar de avanços, a compreensão de textos ainda é deficitária, talvez por fatores preexistentes que dificultam a proficiência leitora. Levando em consideração as exposições feitas, constatamos por meio das respostas dos alunos, suas perspectivas a cerca da leitura e como utilizam algumas estratégias para ler e compreender. Apesar da maioria não se considerarem bons leitores podemos perceber uma mudança de pensamento, observamos que para eles a leitura assume diferentes papéis sendo o mais importante deles o da inclusão social.

A diversidade de gêneros foi contemplada, o que nos leva a crer que o repertório textual dos pesquisados foi ampliado dando-lhes a consciência da diversidade textual que circula socialmente. Em relação a utilização as estratégias de leitura, mesmo percebendo usaram o conhecimento prévio, antecipação e predição, observamos também que a professora ao planejar suas aulas não foca as atividades na utilização das estratégias, percebemos que inconscientemente ela as utiliza e talvez pela falta de planejamento não tenha alcançado resultados desejados. Contudo, percebemos também que apesar das falhas quanto ao planejamento da utilização das estratégias de leitura pela professora, percebemos uma efetiva participação das aulas pelos alunos, os quais participavam das aulas com interesse em dar suas opiniões oralmente e passar a ver o processo de leitura como um momento importante para a aquisição do conhecimento. A maioria se mostraram interessados em participar das aulas. Neste processo, embora o aluno seja o protagonista, a professora, como mediadora, também teve um papel de destaque, visto que ela despertou nos alunos essa consciência da importância da leitura para as suas vidas, o que nos leva a crer que seja o pontapé inicial, que

aliada a uma proposta pedagógica planejada serão os caminhos para uma prática de leitura e compreensão emancipatória.

Diante das considerações elencadas nesta pesquisa, cremos que a escola tem a função de despertar a consciência crítica e a inserção social do aluno a partir da leitura e também da escrita, por meio de diferentes gêneros textuais. O letramento deve ser considerado uma necessidade e exigência da sociedade letrada, a sala de aula deve ser um espaço de formação de leitores, aonde a criança vai buscando a compreensão e o sentido do que lê.

Por acreditarmos que um dos papéis da escola é transmitir conhecimentos, esperamos que o presente estudo possa contribuir para que práticas pedagógicas possam levar o aluno a ler e a escrever de forma que esta seja uma prática social. A interpretação dos textos dos mais variados gêneros textuais em sala de aula, contribui para o pensar reflexivo e crítico dos indivíduos. Cabe-nos salientar que, os PCNS, é um forte aliado ao professor pois priorizam textos cujo domínio é fundamental à efetiva participação social, em função de sua circulação social, implicando estratégias reais de promoção da leitura e compreensão. Dessa forma, concebemos a leitura como uma atividade interativa que exige do leitor o uso de algumas “estratégias adequadas”. Diante do estudo propostos verificamos que as considerações referenciadas contribuem significativamente para a concepção de uma prática de leitura e compreensão capaz de criar situações que possibilitem a formação integral do leitor. E as estratégias de leitura e compreensão representaram a possibilidade de autonomia para o leitor em formação, prioridade da prática pedagógica. Daí a preocupação com a construção do sentido do texto, e com os procedimentos envolvidos nessa construção q quais as estratégias de leitura serão acionadas no processo de leitura para se concretizar a aprendizagem formal dessas estratégias, o que só será possível se o professor assumir uma nova postura nas aulas de Língua Portuguesa que deve ser planejada com objetivos de desenvolver não somente habilidades adquiridas, mas também práticas sócio-culturais através da interação indivíduo e mundo.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FULGÊNCIO & Liberato. **Como facilitar a leitura.** 2. Ed. São Paulo, Contexto, 1996.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 33. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O texto na sala de aula** (org.). São Paulo: Ática, 2006.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura: Uma perspectiva psicolinguística.** Porto Alegre. 1996.

LEFFA, Vilson J. **Fatores da compreensão na leitura.** Cadernos do IL. Porto Alegre, UFRGS. 1996.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** Campinas: Pontes, 1988.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas, São Paulo, Pontes, 1993.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. & ELIAS. Vanda Maria. **Ler e compreender: Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade,** (2002).

_____. **Da Fala para a escrita: atividades de retextualização.** 4. ed. São Paulo. Cortez 2003

MARCUSCHI, L. A. **Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua?** Revista em Aberto. Brasília: INEP-MEC. projetos da escola. 1996. Campinas: Mercado de Letras.

ROJO Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** LAEL/PUC-SP, 2002)

YUNES Eliana. **Pensar a leitura: complexidade.** Rio de Janeiro, Ed.PUC- Rio; São Paulo.2002